

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
A INICIAÇÃO AO CINEMA / EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES
ALAIN BERGALA / CRESCER NO CINEMA
22 de Fevereiro de 2013

MES PETITES AMOUREUSES / 1975

Um filme de Jean Eustache

Argumento e Realização: Jean Eustache / **Fotografia:** Nestor Almendros / **Montagem:** Françoise Belleville, Alberto Yacelini, Vincent Cottrell / **Intérpretes:** Martin Loeb (Daniel), Ingrid Caven (Mãe), Jacqueline Dufranne (avó), Dionys Mascolo (José Ramos), Henri Martinez (Henri), Pierre Edelman (Louis), Marie-Paule Fernandez (Françoise), Maurice Pialat (amigo de Henri), etc.

Produção: Pierre Cottrell (Elite Films) / **Cópia:** em 35mm, colorida, legendada electronicamente em português, 122 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Sessão apresentada por Alain Bergala

Mes Petites Amoureuses não será a obra mais rigorosa de Jean Eustache, cujo momento maior parece ter sido **La Maman et la Putain**, mas é talvez aquela em que a marca autobiográfica é mais evidente. Se é defeito ou virtude, é outra história. Sabe-se, aliás, que se tratava de projecto antigo e particularmente acarinhado, que questões económicas não tinham possibilitado a direcção. Foi só o sucesso comercial de **La Maman...** que lhe permitiu avançar com ele.

A tendência autobiográfica é comum a quase todos os filmes que tratam da infância, mas processa-se de forma mais frequente e flagrante no cinema francês, de Vigo a Truffaut, a Eustache, a Louis Malle. Por vezes é inteiramente assumida, como parece ser o caso de Eustache em **Mes Petites Amoureuses**, crónica simultaneamente terna e triste, singela e tocante da entrada do autor na fase da adolescência. Há, aliás, um momento do filme, em que o realizador nos parece confessar isso. Em certa altura o garoto encontra-se sentado num banco do jardim, observando os pares que namoram nos outros bancos ou que passam diante dele. Um desses pares passa por duas vezes diante dele, e de ambas param para se beijarem ao mesmo tempo que o chapéu cai da cabeça da rapariga. O plano é enquadrado do lugar onde o garoto se encontra, e no seu campo encontra-se o banco fronteiro onde um homem só, de cabelos compridos, olha também para o par: o próprio Eustache. Este plano evoca irresistivelmente aquele conto de Jorge Luis Borges em que o autor, num banco do jardim nos anos 20 em Londres "encontra" o seu eu de 40 anos depois.

Crónica da infância, mas centrada no despertar da pulsão sexual, das interrogações, surpresas, medos e descobertas que provoca. O início do filme é exactamente o

momento em que a "diferença" se afirma, durante a missa quando transporta o pálio. A presença da garota em frente provoca-lhe a primeira erecção, e durante todo o percurso procura roçar-se por ela. Mas esta descoberta é ainda um mistério. Na tranquila aldeia em que vive com a avó, os seus jogos são de afirmação masculina: a imitação das habilidades do faquir que viu no circo, perante uma assistência pouco entusiasmada, pregar sustos às miúdas com pistolas de fulminantes.

A transição da aldeia para a cidade, e a imposição do padrasto de pô-lo a trabalhar em vez de estudar, coloca-o frente a outro tipo de jovens, mais crescidos, a quem passa a observar e, de certa forma, a imitar. Naquela que é, talvez, a mais bonita sequência do filme, o garoto dá o seu primeiro beijo na sala escura de um cinema, "apadrinhado" pelas imagens de Ava Gardner e James Mason em **Pandora and the Flying Dutchman**, mas afasta-se ainda durante o escuro, sem saber como proceder.

Todo o filme se processa, desta forma, como um jogo de observação, para uma posta em prática. Teoria e prática de uma rudimentar educação sentimental. Vê as manobras dos amigos a "draguer les filles", observa os pares no jardim, tenta uma incipiente aproximação a uma garota que assistia à actuação do coro no jardim. Finalmente numa escapadela com bicicleta com os amigos a uma aldeia vizinha, segue, com um deles, duas raparigas pela estrada. Aí, deitado na relva vai descobrir um outro mistério: a repressão do instinto, a sua manipulação pela organização social com o casamento e a família, porque há "coisas" que só se fazem depois. O garoto regressar mais tarde à aldeia, reencontrando os "velhos" amigos e amigas, mas já "outro", afirmando a diferença que é, simultaneamente, a forma de conciliação.

O que distingue o filme de Eustache do dos seus congéneres, em particular Truffaut (**Les Mistons, Les 400 Coups, Argent de Poche**, etc.) é uma certa "secura" de tom, que deriva mais do desencanto do que uma atitude. A infância não é esse paraíso perdido, e sim um doloroso momento de transição. Não é doce (daí a irónica inclusão, a abrir, da canção de Charles Trenet "Douce France"), e sim amarga. A memória não é a da inocência e sim de uma "incompletitude". A nostalgia nunca foi o que se disse, e sim o "desejo" de outra coisa que não se cumpriu. A descoberta não é só a da vida, mas também a da frustração e da morte.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico